

Notas sobre a tentativa positiva da psicologia concreta de Georges Politzer – Parte I

Notes sur la tentative positive de la psychologie concrète de Georges Politzer - Partie I

Júlio César Mioto

Doutorando em Psicologia pela USP

julioecesarmioto@usp.br

Bolsista CAPES

<http://orcid.org/0000-0001-9921-871X>

Resumo: As notas e explicações que constituem este artigo derivam de uma imersão nos textos de Georges Politzer da *Revue de psychologie concrète*, as quais têm como finalidade entender a questão do abandono do “projeto de psicologia concreta” por parte do autor. Tentamos aqui, porém, mostrar a relatividade do fracasso de Politzer em discutir a positividade da psicologia, ou que houve sucesso em sua tentativa positiva, pelo menos para observadores históricos como nós. Observaremos como se encaminharam as primeiras determinações positivas do autor, com foco na parte maior do artigo preparado para a revista número 1 da referida publicação.

Palavras-chave: psicologia concreta; psicologia positiva; psicologia mitológica.

Resumé: *Les notes et explications qui composent cet article dérivent d'une immersion dans les textes de Georges Politzer issus de la Revue de psychologie concrète. Elles visent à comprendre la question de l'abandon, par l'auteur, du « projet de psychologie concrète ». Nous essayons, pourtant, de montrer la relativité de l'échec de Politzer dans sa discussion de la positivité de la psychologie, ou que sa tentative positive a réussi, du moins pour des observateurs historiques comme nous. Nous suivrons les premières déterminations positives de l'auteur, tout en nous concentrant sur la plus grande partie de l'article préparé pour la revue numéro 1 de la publication susmentionnée.*

Mots-clés: *psychologie concrète ; psychologie positive ; psychologie mythologique.*

1. Projeto de psicologia concreta

1.1. Contexto das atividades intelectuais do autor

No contexto francês da década de 1920, Politzer se atribuiu a tarefa da crítica dos fundamentos da psicologia (que abrange mais da metade dos seus escritos) como projeto pessoal e político – novo em relação à orientação, porém no contexto do “rumo ao concreto” francês da época –, e, ao que tudo indica, teve motivos pessoais e políticos fortes para abandoná-lo (na década de 1930, ele se dedica a trabalhos editoriais de militante filiado ao Partido Comunista Francês, também a *Université Ouvrière* e, depois, a trabalhos editoriais contraideológicos dentro da *Resistance* à ocupação alemã). A psicologia concreta representa uma etapa extensa do trabalho que Politzer realizou; foi tratada (se se consideram os escritos eventuais sobre o assunto na década de 1930) por mais de uma década (1925-1939), de fato, até que ele anunciasse o “Fim da psicanálise”. Reconhecido como introdutor da psicanálise na França, todas as ciências psicológicas de sua época foram discutidas por ele. O que torna enigmático, à primeira vista, o fato de ele não ter mais desenvolvido, no final de sua carreira como teórico da psicologia, a ciência que ele desejava que a psicologia se tornasse. Nada surpreendente, entretanto, se se observa, na paginação dos seus escritos sobre psicologia, o caráter provisório de suas afirmações sobre a ciência. Isso não deve significar para nós que os momentos positivos devam ser descartados na sua determinação própria de ciência psicológica; os conteúdos positivos da ciência psicológica que Politzer tentou fundamentar remetem a padrões de comportamento próprios à estrutura da sociedade capitalista, e, portanto, exigem uma reflexão atual¹. A crise da ciência psicológica como ele enunciava, não era a crise de um projeto intelectual individual, mas crise de instituições já formadas, que transcendiam, para sua resolução, o trabalho individual. Nesse sentido que Politzer perseguiu seu projeto buscando colaboração, por exemplo, na *Revue de psychologie concrète*, 1928-29.

1.2. Abstração como problema geral da crise a que responde a psicologia concreta (ou a crise pós-bergsoniana)

O tema central do repertório de Politzer é a crítica à abstração. O que é “Abstração”? – é o nome comum dos procedimentos clássicos da psicologia e da metafísica, é o conceito principal contra o qual o “concreto” da psicologia concreta se volta. Na *Crítica dos fundamentos da psicologia*, é bastante claro que a psicologia que ele desejava ser concreta tem uma pedra angular. O relato objetivo em primeira pessoa inaugura a psicologia concreta, a despeito de o “eu” ser interpretado pela psicologia clássica como feixe de processos que têm seus nomes abstratos correspondentes. A melhor explicação inicial que podemos dar do que Politzer quer dizer na crítica da abstração (e é o mesmo em relação ao “realismo”) é essa que nos apresenta Bento Prado Júnior,

¹ A este respeito, a divisão da “psicologia geral” entre psicologia individual e psicologia estandardizada proposta por Politzer vai bem ao coração da estrutura do sistema capitalista, numa dialética complexa entre o indivíduo (cuja própria definição implica um dos ideais do iluminismo filosófico) e o aspecto maquinal-técnico do comportamento exigido pela inserção desse indivíduo no sistema produtivo abstracionado para a eficiência do trabalho sobrepulso (Cf. POLITZER, 1969).

em termos da gramática dos pronomes pessoais, e essa afirmação está respaldada também no texto da *Crítica dos fundamentos da psicologia*, onde encontra a sua dialética completa, até a sua dissolução.

É bem uma oposição gramatical que parece subentender a oposição fundamental da epistemologia de Politzer, que contrapõe a Física, como narrativa na terceira pessoa, à Psicologia, como narrativa na primeira. Entre uma ciência e outra, não haveria lugar lógico-gramatical para uma ciência que circunscrevesse *objetivamente* a esfera da subjetividade. (PRADO JÚNIOR apud RIEDEL, 1988, p. 38)

O realismo é uma confusão entre a física e a psicologia e, assim como a oposição entre o subjetivo e o objetivo, se expressa em duas pessoas possíveis do que seu discurso mistura. Para Politzer não é possível circunscrever o subjetivo objetivamente, quer dizer, como realidade. O erro principal do realismo é objetivar o subjetivo. Podemos acrescentar: o erro de Bergson é, também, subjetivar o objetivo. O abstrato, por sua vez, é consequência da descrição geral taxionômica dessa “realidade”, a alma, é o separar do indivíduo concreto as determinações que se lhe consideram próprias, dispondo-as, então, em classes (como “sentimento”, “vontade”, etc.), a despeito do ato compreensivo próprio ao sujeito; mais ainda: não é questão para Politzer o simples destacar ao indivíduo essas classes, mas é ausência do indivíduo que ele repara na obra de Bergson, por exemplo. A psicologia devia ser de uma primeira pessoa que relata, como é em relação ao sonho individual como fato psicológico de pleno direito. Ele corresponde a uma singularidade vivida, mesmo sem ser racional, isto é, não determinado como realidade de um sujeito/alma, nem é objetivo, de modo que correspondesse à linguagem em terceira pessoa/objeto – como é explicado na *Crítica dos fundamentos da psicologia*. Aparece a questão do indivíduo como um excessivo sistemático, em Bergson, que nele não é a singularidade irreduzível; então, esta singularidade, em Politzer, vale como “concreta”, que, por assim dizer, dribla a reificação dos polos objetivo e subjetivo a que o bergsonismo condena a psicologia à guisa de torná-la “concreta” – e conduz à dissolução da psicologia abstrata clássica.

1.3. Publicações em questão quando é para se enfatizar a crise a que responde a psicologia concreta

Os textos de Politzer dessa época publicados na *Revue de psychologie concrète*, 1928-1929, sob sua responsabilidade editorial, foram redigidos com o mesmo espírito crítico e buscam lidar com problemas ligados ao desenvolvimento da “psicologia concreta”. Tratava-se de uma explícita luta contra as instituições da psicologia. Sabe-se que a saída filosófica de Politzer, em último caso, foi a opção pelo materialismo histórico como teoria contrária às diferentes perspectivas institucionais da época baseada em uma força material real, a política. A teoria, por sua vez, está toda documentada, e foi transitória, com um momento de inflexão radical em relação ao programa de psicologia concreta, em 1929, portanto. Vê-se que foi um pouco antes que ele visualizara, em *Crítica dos fundamentos da psicologia*, as três indicações de saída para o atraso da psicologia (psicanálise, *Gestalttheorie* e behaviorismo). O projeto crítico na globalidade da sua proposta inicial, porém, foi abandonado, ou especializado, na mesma época em que o autor adere ao Partido Comunista Francês. Na “Introdução”

à *L'Esprit*, publicada em 1926, o marxismo já era explícito e Politzer nunca deixou de ser esse crítico da ideologia vigente. A hipótese, mais detalhadamente, é a de haver duas negações determinadas da ideologia, uma mais radical que a outra. A primeira, baseada ainda em algumas tendências criticistas da filosofia kantiana, como a que é voltada contra Bergson e que também servira ao programa da *Crítica dos fundamentos da psicologia*; e outra, mais tarde, que nega toda a psicanálise, torna-se em didática do materialismo dialético, continua a bater no bergsonismo, ou no que restava do bergsonismo depois da morte de Bergson, identificando, enfim, a psicologia concreta à psicologia materialista, ou ao materialismo dialético. Essa é a nossa tese geral sobre a transição temática de Politzer. Quanto a esses momentos, acostumou-se a interpretar as mudanças de posições de Politzer em termos de uma crise epistemológica que teria uma culminância em 1929, época em que Politzer buscava colaboração para a *Revue de psychologie concrète*; diferenças notáveis entre as posições tomadas entre o primeiro e o segundo número dessa revista corroboram essa leitura. Como escreve Giuseppe Bianco, em uma interpretação que nos parece definitiva da questão das mudanças de posições:

Em julho de 1929, no segundo e último número da *Revue de psychologie concrète*, Politzer publica um artigo que testemunha o fato de que seu pensamento atravessa uma crise epistemológica: "Onde vai a psicologia concreta?". Em questão nesse texto, as noções mesmas de "concreto" e de "drama" que enformaram até então sua pesquisa. É verdadeiramente com este artigo que Politzer passa da psicologia concreta ao materialismo histórico. Se a segunda parte do célebre panfleto que ele havia escrito em 1928, *La fin d'une parade philosophique: le bergsonisme*, estava já impregnado de marxismo, não é senão na primavera de 1929 que sua orientação parece mudar radicalmente. Um fosso com efeito separa este artigo publicado no último número da *Revue de psychologie concrète*, daquele que Politzer havia escrito em fevereiro, para o primeiro número desta mesma revista. Em fevereiro, Politzer, que sublinhava a importância do comportamentalismo para a crítica do conceito de vida interior e das noções de "processos mentais, de fatos espirituais e de fenômenos da consciência", todas ligadas à tradição animista, esperava somente que a psicanálise conhecesse um "novo elã", capaz de a fazer sair de seu "período de estagnação". Cinco meses mais tarde, tudo mudou. A resposta à questão "Onde vai a psicologia concreta?" recebia no presente uma resposta clara: rumo ao materialismo histórico. Assumindo a nova equação *psicologia científica = psicologia concreta = psicologia materialista*, Politzer se faz sua autocrítica a fim de contrariar toda acusação de idealismo que poderia lhe ser endereçada. Ele se esforça em mostrar que os conceitos de "drama", de "ato em primeira pessoa" e de "significação", que a psicologia concreta utilizava, não tinham função senão crítica, e ele sustém que esses conceitos "se reencaixam", em todo estado de causa, "no movimento materialista". (BIANCO, 2016, pp. 46-47)

Segundo Bianco, portanto, Politzer admite uma crise no seu sistema devida à sua tentativa de adequação epistemo-política da psicologia concreta, que deve de alguma maneira se adaptar ao que ele aprendeu do materialismo dialético. É de se notar, então, que a crise da psicologia clássica encontra configuração crítica na obra de Politzer, mas na sua concepção crítica adveio nela mesma uma outra crise. Então, cabe, sobre a *psicologia concreta*, o comentário aos aspectos transitivos e temporais

das posições de Politzer, no caso dessa segunda crise, a qual é própria ao seu sistema da psicologia concreta.

2. Revista de psicologia concreta e a disputa sobre o que acontece

2.1. Terminologia básica dos escritos

A discussão terminológica é fundamental nos escritos de Politzer, e eles têm, de fato, de um lado, marcações mais gerais e, de outro, marcações específicas. Comparemos as marcações gerais, em primeiro lugar. Assim, em julho de 1929, para ele, entre suas posições do momento, por exemplo:

Enquanto que a oposição entre a psicologia espiritualista e a psicologia materialista, tal como ela tem sido concebida até aqui, indica somente a contradição sobre um conjunto de questões clássicas, a oposição “psicologia abstrata”/“psicologia concreta” indica o momento verdadeiramente decisivo da disputa, ao mesmo tempo que o ponto preciso sobre o qual é preciso atacar toda a psicologia espiritualista qualquer que ela seja, assim como o meio de se desembaraçar dela. (POLITZER, 1969, p. 149)

E haverá necessidade de uma crítica formal da psicologia (do materialismo tradicional e do espiritualismo) – o argumento principal sobre o formalismo geral implicará um formalismo específico, que é o tipo de formalidade da crítica dos fundamentos da psicologia: “Nossa crítica da abstração não é formal em geral; ela não é formal senão em relação à psicologia” (POLITZER, 1969, p. 149), por isso a crítica de Politzer se porá em um nível mais fundamental, baseado no seu conceito de “drama”, base do seu “concreto”, e do qual se decidem abandonar apêndices da tradição metafísica. Escrevia ele, antes, em fevereiro de 1929, denotando uma preocupação constante:

A abstração, implicada pelo realismo, implica por sua vez o formalismo. Enquanto que a experiência dramática reporta tudo ao plano humano e ao indivíduo de quem a vida se desenrola, o estudo realista e abstrato, não pode estudar senão os “fenômenos psíquicos”. E se estudarão os fenômenos psíquicos como se tem o hábito de estudar os fenômenos em geral: por classes, pois, não é assim?, não há ciência senão do geral. À consideração dramática dos indivíduos sucede a psicologia, ciência das noções de classe. (POLITZER, 1969, p. 95)

Portanto a marcação geral se dá com conceitos tais como “drama”, “concreto”, psicologia como “ciência de classes”. Bom, nesse caso será preciso distinguir com detalhes a especial evolução do pensamento de Politzer no contexto referido, como segue.

2.2. Proposta editorial e programa coletivo da Revista

O editorial do primeiro número da *Revue de psychologie concrète*, intitulado *Les fondements de la psychologie*, sai em fevereiro de 1929. E é nele registrado o “novo movimento” da “psicologia nova”. Nesse momento, realizar-se-ia por fim um anúncio de programa coletivo de abordagem sistemática das questões referentes à ciência psicológica. Em poucos meses surgirá a “crise epistemológica” referida por Bianco. O

fracasso é relativo, porém. É o que pretendemos mostrar nas longas páginas abaixo, que terão seguimento na segunda parte do artigo. O anúncio se dá: o novo movimento, a psicologia nova etc. Entretanto, a autopoisição de Politzer como editor, ao mesmo tempo em que prima pela modéstia pessoal, ousa na proposta (Cf. POLITZER, 1969, pp. 50-51). O objetivo da unificação da crítica da psicologia clássica deve ser uma realização progressiva, não se esgotando senão nos anos de um trabalho coletivo. Mas, quanto à conjuntura, já há o diagnóstico, e alguns procedimentos investigativos, críticos e propositivos já podem ser enunciados, que se expressem de maneira imediata em uma “luta contra certos hábitos, essencialmente responsáveis da anarquia da situação atual em psicologia”, que “pode começar desde agora” (POLITZER, 1969, p. 51). Por onde começar? Pela crítica da principal ideologia da psicologia clássica: “a doutrina da vida interior” e pela discussão da contradoutrina mais funcional da época: “[...] é preciso começar por insistir aqui, muito particularmente sobre a crítica da doutrina da vida interior, sob todas suas formas, e organizar uma discussão do behaviorismo em toda sua extensão” (POLITZER, 1969, p. 51). O novo movimento consiste em pesquisas que têm efetivamente significação central fora da psicologia “pura”, esta associada à realização de metas filosóficas estranhas aos verdadeiros objetos e objetivos que devem ser os da psicologia (Cf. POLITZER, 1969, p. 52). Na direção dos fundamentos, o editorial diz: “nós queremos mudar essa situação conduzindo as pesquisas em questão para o centro das preocupações concernentes aos fundamentos” (POLITZER, 1969, p. 52). Será necessário discutir os fundamentos que entram em crise com os novos movimentos, e discutir também os novos fundamentos das novas vertentes, numa comparação que deve ser a favor da “unificação” – em fevereiro ainda havia a meta. Em particular, as pesquisas psicanalíticas estavam aprisionadas em construções teóricas insuficientes. Desse modo, abria-se, desde então, “um capítulo permanente consagrado à crise da psicanálise” (POLITZER, 1969, p. 53), e outro para a “psicologia geral”, especificada em que “a tecnopsicologia aporta talvez uma psicologia geral inteiramente nova” (POLITZER, 1969, p. 53).

2.3. A psicologia como organismo material

Politzer simplesmente levanta os elementos consecutivos da aceitação de um fato que tinha já décadas: a psicologia é um organismo material. “A psicologia não é mais, com efeito, uma personalidade simplesmente espiritual, ela é também um organismo material” (POLITZER, 1969, p. 53). Wundt tornou a psicologia uma potência material. Eis o fato principal e como deve ser disputado:

O caso da psicologia saída de Wundt já teria devido lançar a atenção sobre esse fato. Esta psicologia que não eliminou nenhum dos erros verdadeiramente fundamentais da psicologia filosófica; que não realizou nenhuma reforma verdadeiramente essencial; que, de fato e em seu conjunto, não é nada menos que científica; é, contudo, aquela que consolidou na opinião a ideia de que a psicologia se tornou uma ciência. Pois Wundt realizou verdadeiramente uma grande reforma: ele fez passar a psicologia do estado de personalidade espiritual ao estado de instituição, quer dizer de potência material. Se os laboratórios e os institutos, concebidos à maneira de Wundt, não fizeram e não fazem senão fisiologia disfarçada, eles têm por outro lado permitido à psicologia plantar

raízes na realidade econômica. (POLITZER, 1969, p. 54)

Então, deve haver a dupla crítica: das instituições, do método. Mas não se refutam instituições. Diz Politzer: “Ora, refutam-se somente ideias, mas não instituições. Eis por que é difícil eliminar a psicologia clássica” (POLITZER, 1969, p. 54). Não é questão da disputa de ideias; é próprio de uma força ideológica representar instituições, e é próprio de instituições apresentar uma ideologia, sempre conforme à sua situação na sociedade. Claro é que estamos falando dos mortos, mas a definição pode ser essa mesma, valendo hoje em dia. Quanto à crítica das instituições e à crítica do método, por que escapariam de uma visão precisa da factualidade histórico-social? Vejamos:

O que não é senão a resistência de uma realidade econômica escapando naturalmente à simples crítica, é interpretada como uma resistência da ideia mesma que lhe está ligada. E como não se viu ainda um único laboratório fechar suas portas por consequência da demonstração da inanidade de seus trabalhos, crê-se facilmente que esta sobrevivência é devida à verdade intrínseca do método que neles é praticado. Todas essas demonstrações que estabelecem que a psicologia clássica não venceu enquanto diretiva de pesquisas, correspondem à necessidade de justificar de direito uma situação de fato. Somente é de um fato econômico que se conclui de um direito científico. [#] Em outros termos, todas essas nuances de que vivem os “conciliadores” são destinadas a dar um envolvimento racional ao fato de que os organismos da psicologia clássica sobreviveram, por razões extrarracionais, às concepções que lhes deram nascimento; os defensores da psicologia clássica, em lugar de adaptar as instituições à verdade, querem adaptar a verdade às instituições. (POLITZER, 1969, p. 54)

A constatação da extrarracionalidade da factualidade e o questionamento de direito de um fato, em que se arrisque a verdade do método frente à falsidade de outro, não são o suficiente. A grande conclusão do editorial é, portanto: “Não é suficiente, portanto, opor às concepções da psicologia clássica, aquelas da psicologia nova: o esclarecimento da crise atual implica também a organização material da psicologia nova” (ibidem, p. 55). Trata-se de um projeto de hegemonia frente à outra hegemonia e a teoria de Politzer teve seus sucessos póstumos (Cf. BIANCO, 2016).

3. Primeiro artigo

3.1. A psicologia mitológica

O artigo que Politzer preparou para o primeiro número da revista de que era editor foi *Psychologie mythologique et psychologie scientifique* (lembrando que ainda estamos em fevereiro de 1929). Tal é a crítica que se utiliza de binários terminológicos básicos, em um quadro onde estão anotadas as principais tendências, com uma perspectiva bem exata. O esforço reavaliativo que tentamos deve nos conduzir a aceitação da posição de Politzer, que tinha vontade de verdade. Aqui o quadro:

Além do mais, enquanto que os filósofos, como disse Leibniz, têm todos razão nisso que afirmam e erro nisso que eles negam, os psicólogos parecem todos estar errados nisso que eles afirmam e ter razão nisso que negam. Pois é verdade que o abandono da velha psicologia filosófica é, para a psicologia científica, uma condição vital; mas é verdade também que a psicologia de Wundt não é

a psicologia científica verdadeira. É verdade que o atomismo psicológico não é senão um mito; mas é verdade também que o dinamismo tal como foi elaborado por um Bergson, por exemplo, não é senão outro mito; e de novo: é verdade que a psicologia que fica “abaixo das significações” não pode atingir o homem, e que ela não é, por consequência, uma verdadeira “psicologia”; mas é verdade também que com as significações objetivas nós não penetramos muito adiante na psicologia do homem concreto. É verdade, enfim, que a alma está para ser eliminada do número de assuntos com os quais uma psicologia positiva pode utilmente se ocupar, mas é sobretudo e acima de tudo verdade que é para ela o mesmo quanto à consciência, e, de uma maneira geral, quanto à vida interior (POLITZER, 1969, p. 59).

É preciso descartar a psicologia filosófica – mas a psicologia de Wundt não é a científica. O atomismo na consideração dos estados psicológicos era um mito, mas o dinamismo também foi outro mito. Significações afetam o homem, mas objetivadas não são mais significações. O assunto “alma” não é útil à psicologia, mas “consciência” e “vida interior” tampouco. Continuemos, Politzer está sendo didático. Sobre o caráter da crítica de um outro, um segundo movimento: “Assistimos com efeito hoje um segundo movimento em torno [da discussão] dos fundamentos da psicologia, e de um movimento a outro constatamos um aprofundamento verdadeiro da crítica: à *crítica da forma* nós vemos suceder a *crítica do fundo (du fond)*” (POLITZER, 1969, p. 60). Pois, insistamos sobre a passagem entre movimentos científicos e sobre qual a evolução. O primeiro movimento não reprovava senão a forma da velha psicologia, mas não critica o fundo: as *démarches* metafísicas e introspectivas. Assim acaba por reaparecer “o velho sistema da alma”. Este, mesmo supresso, é mantido em referidos *fenômenos* da alma.

No segundo movimento, se estamos compreendendo a ordem da apresentação de Politzer, contam-se outros tais como W. James, que faz crítica do associacionismo, mas no quadro da velha psicologia, faz crítica da forma, crítica do caráter mecanicista das associações; apresenta-se também Bechthrew, em tentativas objetivistas, em observações externas, mas aqui está a mesma maneira de ver o homem traduzida em termos de “reflexo”. E Bergson:

E quando Bergson, por exemplo, empreende a crítica da psicologia “clássica” em geral, ele não busca abandonar esta atitude que não conhece senão problemas funcionais, mas somente a intenção mecanicista, e tudo o que ele quer de fato é redizer em linguagem dinamista os ensinamentos da psicologia clássica. (POLITZER, 1969, p. 60)

Ainda existia um terceiro movimento, que se dirige ao “fundo”: “O movimento, ao contrário, ao qual nós assistimos hoje com a *Gestalttheorie*, a *geisteswissenschaftliche Psychologie* e o behaviorismo, parece se atacar não mais simplesmente à forma, mas ao fundo ele mesmo” (POLITZER, 1969, p. 61). Nesse terceiro, a crítica da análise psicológica elementar (do associacionismo etc.) pela *Gestalttheorie*. O personalismo, por sua vez, propõe pôr a “pessoa” no departamento próprio da psicologia (em Stern). Em seguida, Spranger submete à crítica a *démarche* que quer constituir o significativo com a ajuda disso que está fora da significação. No behaviorismo, trata-se de “discutir sobre a forma a dar ao estudo da vida interior, pois justamente, trata-se de eliminar a *démarche* mesma que consiste em supor no homem uma vida interior” (POLITZER, 1969, pp. 61-62).

3.2. Tentativas de reforma da psicologia: psicologia pré-científica, significação e realismo

A despeito dos avanços listados acima, e a respeito da ordem e natureza dos movimentos, surge um tipo de problema devido a incompletude teórica das tendências em psicologia: os conciliadores diminuem as diferenças entre a nova e a antiga psicologia.

O que é então verdadeiramente curioso, é que eles [psicólogos médios {*moyens*}, conciliadores] creem poder realmente proceder desta maneira [tomar o que é válido em cada um dos movimentos]. Eles dizem por exemplo: o ponto de vista da estrutura é muito necessário, mas o estudo dos elementos é indispensável; o behaviorismo é uma grande descoberta, mas a significação do “behavior” não é dada senão pela introspecção; a psicologia compreensiva é uma coisa muito importante, mas nós devemos muito às “experiências” da psicologia científica etc. (POLITZER, 1969, p. 70)

A tentativa dos psicólogos intermediários é de conciliação, mas há um problema na tentativa, pois, a simples tentativa de adequação aos fatos sofre porque depende da definição do que são afinal os fatos:

É manifesto que se joga aqui com os termos. Dir-se-á por exemplo que é preciso tomar, no behaviorismo e na *Erlebnispsychologie*, isso que é conforme aos fatos. Mas a quais fatos? Aos fatos psicológicos tais como os define o behaviorismo, ou tais como os define a psicologia introspectiva? Essas definições sendo contraditórias, se eu me coloco em uma ou outra, um dos dois domínios cairá inteiramente, e será impossível tomar ao mesmo tempo em um e em outro o que é “conforme aos fatos”. Mas como parece que a respeito de pesquisas positivas, a absurdidade não mata, coloca-se ao mesmo tempo nas duas definições, ou mais exatamente, segundo a necessidade, ora em uma, ora na outra, e assim se reconhece o valor de um fato em nome de um ponto de vista que vai excluir a todo momento aquilo em nome do qual se vai reconhecer o valor de um outro fato. É isso que se chama fazer justiça aos aportes positivos de cada tendência. (POLITZER, 1969, p. 70)

Aqui se mostra que há problemas que surgem no contexto de definição dos objetos e métodos da psicologia, problemas que têm consequências na dialética de todas essas abordagens; os conciliadores ficam entre a verdade de uma definição própria do fato psicológico e o erro do que ela representa do ponto de vista das sustentações institucionais. Era preciso, segundo Politzer, a tábula rasa. Notemos aqui o ponto que implica um questionamento mais geral de Politzer: a realização da significação é um déficit de todos esses sistemas, ontológico, lógico e da teoria narrativa, e é um dos fundamentos da psicologia clássica mais atacados por Politzer. Então a psicologia concreta é uma teoria da linguagem crítica. Diz ele: “Ora, pode-se não somente sustentar que a ideia de significação exclui todo realismo, mas que a realização das significações é uma *démarche* fundamental da psicologia clássica” (POLITZER, 1969, p. 72). Veremos o que essa tese sobre a linguagem implica em termos de crítica ontológica e de epistemologia da psicologia. Mas em geral o realismo sofre quando define a significação como realidade ou fenômeno. A linguagem não é comportada nesses dois tipos de tentativas de sistematização, seja das realidades, seja dos fenômenos próprios a sistemas psicológicos. No caso do behaviorismo o problema da significação seria

tratado diferente, mas o behaviorismo a ele não chega. Porém, no terceiro movimento, surge um critério a que Politzer sempre vai recorrer, e que é um critério do behaviorismo, que dá a imaginar sobre sua consequência em uma teoria psicológica da linguagem: afinal, o experimentalismo condutivista parece ser útil ao propósito de Politzer em entender o que condiciona a ação. Mas ele nota que, no teste de memória, não deve valer o conceito de vida interior e não se deve introspectar para nada em avaliação de resultados. A posição sobre o behaviorismo é esta:

Há somente uma única tendência que adotou até aqui uma atitude crítica perfeitamente clara e que deu, ao mesmo tempo que uma fórmula nítida de sua condenação da psicologia precedente, um critério claro para julgar isso que é para rejeitar ou para conservar. É o behaviorismo no sentido próprio da palavra. É pela primeira vez que a eliminação ou a conservação de tal ou tal resultado ou teoria é desgarrado ao acaso das apreciações individuais. Tudo o que implica, de alguma maneira que seja, a hipótese da vida interior, enquanto a implica, está para eliminar. Por outro lado, deve-se guardar todos os resultados que são independentes da hipótese da vida interior, e isso enquanto são independentes. É assim que o famoso *Gedächtnisexperiment* [teste de memória] não deve sobreviver senão na medida exata em que ele é separável da hipótese da vida interior. (POLITZER, 1969, p. 72)

Compreende-se a impressão de indefinitivo nos críticos; ao tomarem-se esses outros critérios, de uma psicologia “não interior”, não podem sobreviver os “fenômenos da alma” – nota-se um antiobjetivismo, como aqui está configurado. A psicologia nova e a psicologia da geração precedente estão atreladas pelo realismo, é necessário superar o realismo da consciência, da significação, o objetivismo experimentalista tem que ser bem dimensionado etc.

Com efeito, a presença na psicologia nova da *démarche* a mais fundamental da psicologia clássica, a saber, o realismo, com todo o resto que lhe está ligado, permite a essa última reconhecer-se nesse novo movimento. Seria mesmo ilegítimo, sendo dada esta continuidade fundamental, falar de um abismo entre as duas psicologias. (POLITZER, 1969, p. 74)

De novo, a proposta é fazer o papel branco da psicologia científica no que ela tem de apego ao legado da velha metafísica, da teologia, da filosofia da consciência, em suas vertentes realistas, o realismo é um prejuízo metafísico, o segundo movimento não conseguiu fazê-lo. “A verdadeira conclusão que está inscrita na situação que nós acabamos de descrever é que o segundo movimento crítico não conseguiu, ele também, liquidar isso que era para ser liquidado” (POLITZER, 1969, p. 76). O pior dos fatos é que a psicologia sentia o problema e não sabia designá-lo naquilo onde errava, onde acertava; essa contribuição seria politzeriana.

A crise da psicologia pode, portanto, ser descrita da maneira seguinte. Todo mundo sente, desde cerca de cinquenta anos, que o momento veio em que a psicologia deve passar da etapa pré-científica à etapa científica, e que há na psicologia “alguma coisa” que impede essa passagem e está para ser eliminado. Mas, ninguém sabe indicar com precisão a natureza exata disso que está para ser eliminado, e dizer como é possível reconhecer se uma ideia ou um resultado são, em psicologia, científicos ou somente pré-científicos (POLITZER, 1969, pp. 76-77).

Se então se tratava do mitológico, trata-se no outro momento do pré-científico, nesse caso o período crítico ainda não havia de modo algum ainda acabado “[...] o período crítico uma vez aberto não pode acabar, porque a crítica é ineficaz” (POLITZER, 1969, p. 77). A ideia fundamental de Wundt, segundo Politzer, é que deverá,

portanto, haver sempre, e qualquer que seja o abismo cruzado pelos métodos, as atitudes de pesquisas e de resultados entre a psicologia pré-científica e a psicologia positiva, uma certa continuidade entre as duas: a continuidade mesma que existe entre dois momentos de uma mesma evolução. (POLITZER, 1969, p. 77)

Eis o postulado reformista que está na base da psicologia de Wundt; esse foi crítico da psicologia filosófica. “Mas é possível que a ineficácia da crítica nos revela precisamente a falsidade desse postulado [reformista], e que a reforma em questão implica um sacrifício muito maior que as críticas mais avançadas não pensaram” (POLITZER, 1969, p. 78). O século XX terá provado que a ciência psicológica não é uma mentira histórica. Em 1929, a questão sobre se a psicologia é uma mentira, ainda era problema, a ciência exigia talvez a ruptura, ou merecia a negação determinada. Quem teria apontado tão bem o problema?

É possível, com efeito, que a reforma deva consistir justamente em romper com toda a psicologia como ela tem sido até aqui. Quem sabe? A “psicologia” é talvez somente uma ilusão de filósofos, levada a sério por fisiologistas, e a ideia mesma de uma psicologia científica uma mentira característica das duas últimas gerações. A última palavra do movimento crítico contemporâneo poderia bem ser que não há no conjunto das ciências do homem nenhum lugar para uma “ciência” psicológica. E em todo caso, se uma ciência psicológica é possível, pode ser que não haja, entre ela e isso que se chama comumente “psicologia”, nem mesmo essa continuidade que existe ainda entre a física moderna e aquela de Aristóteles (POLITZER, 1969, p. 78).

3.3. O objeto da psicologia concreta

Não era tanto questão para Politzer distinguir o mundo humano do mundo animal, ou ser contrário a encontrar um ponto de vista biológico, que conviesse aos homens e aos animais, mas o ponto de vista estava classicamente viciado (Cf. POLITZER, 1969, p. 79). Mas a saída não é uma redução a imagens anímicas do psiquismo, tão garantido de sua humanidade. Mais uma vez sobre Bergson, repisando passos de 1928 em seu *Contra-Bergson*, Politzer diz:

Pode-se dizer ainda que nós buscamos, nós também, como o fizeram antes de nós tantos outros, os dados imediatos dos quais a psicologia deve partir. Mas isso que os autores aos quais se faz alusão chamam de dados *imediatos* implica já todas as *démarches* da psicologia, a maneira como ela estabelece o plano de seu trabalho, põe e delimita os problemas. Ora, o que são esses dados “imediatos”, como aqueles de Bergson, que implicam os procedimentos de dois mil anos de trabalhos nocionais? (POLITZER, 1969, p. 79)

Politzer complementa sobre o fetiche da imediatidade psicológica: “Nós buscamos saber se há fatos *reais* justificando a introdução da psicologia” (POLITZER, 1969, p. 79). É indiferente se são mediatos ou imediatos. Assim qual é o objeto da psicologia? O

mundo humano, mas sem fetiches humanistas no que respeita ao conceito de vida, à experiência vital do eu. Contudo, sim é o mundo humano, ele que tem significação. A vida se nos apresenta em seu aspecto humano, com o caráter do imediato cotidiano. “Esta *vida humana* constitui (para a designar com um termo cômodo do qual nós não retemos senão a significação cênica) um *drama*” (POLITZER, 1969, p. 80). “Nós pensamos em nós mesmos em termos dramáticos” (POLITZER, 1969, p. 80). Seria o plano do drama a vida social? Afinal na vida social há coisas agradáveis como praticar esporte, ou tomar chá, ou debater sobre política, e ela decorre bem com regras acessíveis a todo mundo – nessa medida, há acessibilidade universal da vida prática do homem:

É no plano dramático que tem lugar também o contato com nossos semelhantes. Um empreiteiro contrata um operário, nós jogamos uma partida de tênis com nossos amigos etc. Dramática é também a *compreensão* que nós temos uns dos outros. Convidam-me a tomar chá, eu aceito ou recuso; alguém me expõe suas opiniões políticas, eu o contradigo violentamente, mas nós estamos em discussão, vivemos nas significações que nos tocam em um sentido ou em outro, mas em nenhum momento nós deixamos o plano do drama. (POLITZER, 1969, pp. 80-81)

O “drama” é o objeto da psicologia, tal como seria se a psicologia fosse positiva, não a realidade de uma substância metafísica que deve ganhar estado civil, por exemplo, o “casamento tem lugar no espaço” mas a “digestão e a respiração” também; trata-se da “vida dramática” e ela “não implica uma percepção *sui generis*, outra que a percepção ordinária” (POLITZER, 1969, p. 81). E mesmo não faltam os complementos a uma teoria da linguagem da psicologia concreta, com seu foco nas “significações humanas”, mas valem as mesmas também para todos os tipos de relação entre uma percepção e um conhecimento.

Isso que distingue, com efeito, o plano dramático do plano da natureza é que ele constitui um domínio significativo à parte. Não se trata de dizer que é a *significação em geral* que cruza o abismo entre o homem e a natureza: “digestão” é significação a mesmo título que “casamento”. Mas essas significações não são extratos do mesmo domínio significativo, e é o mesmo quanto ao plano dramático, longe de ser o plano das significações em geral, isto é, de qualquer significação, é propriamente o plano das *significações humanas*. Tudo o que se pode dizer é que a percepção de um movimento não se torna a percepção de um crime senão se ela se duplica do conhecimento que eu tenho das coisas humanas, assim também aliás como a percepção de uma faísca não se torna a percepção da eletricidade senão se ela se duplica do conhecimento que eu tenho das coisas físicas. (POLITZER, 1969, pp. 81-82)

Existe a duplicação, mas a duplicação vem de uma atitude analítica, não espontânea. “Pois é a análise somente que distingue, no seio da experiência dramática, de um lado a percepção do *pôr em cena material do drama*, e, de outro lado, o ato de compreensão pelo qual eu realoco o todo na conexão das coisas humanas” (POLITZER, 1969, p. 82). Assim vai Politzer até a exaustão ao descrever o mundo que qualquer homem são conhece, a despeito completamente da metafísica, em especial a de Bergson. Mas, se cabe algum comentário, deve ser a assinalação do “todo na conexão das coisas humanas” como objeto da psicologia; sua compreensão é um ato acessível a qualquer um, sendo a via da ciência psicológica a enunciação de sua originalidade, que não

descarta a base biológica, mas a reinsere no tal contexto inteiramente humano, a terminologia nova deve visar essa originalidade do objeto. Para ele, é “incontestável que havia no drama matéria para uma ciência original”; “a ciência da natureza só estuda o que o homem é espoliado de seu caráter dramático” (POLITZER, 1969, p. 82). Então o autor exige que se olhem os objetos dessa ciência que é a psicologia concreta, ou a ciência da técnica do “drama”. Politzer tinha vinte e sete anos quando encerra esse saber todo do humano. Esse é um projeto de compreensão, ou uma compreensão mesma? Ou ainda: é uma descrição do mundo burguês, tal como haveria de entrar em crise? Quanto a Bergson, o que é dito no contexto da crise do pré-guerra é impressionante: “Ao buscar distinguir os momentos da duração com sua coloração individual, ao admitir a imbricação de seus momentos, esquecer-se-á precisamente que há de um lado um *pogrome* e do outro uma revolução” (POLITZER *apud* BIANCO, 2016, p. 122). Definitivamente, aconteceu algo com o mundo, basta se remeter a livros de história e a imagens históricas. Mas, pode-se resumir, e deve ser insistido, que Politzer tinha em vista as posições do proletariado revolucionário, como tática maior contra a ordem imperialista, que de fato reconduziria os povos a uma nova guerra.

4. Especificações da psicologia concreta

4.1. “Drama” como objeto

O lugar da psicologia em relação às outras ciências, não fosse o fato de os sonhos filosóficos virem atrapalhar o seu trabalho, estaria garantido; ela é o contrário das ciências morais tais como a história, a sociologia ou a economia política. O casamento é uma instituição, mas o fato que um Senhor X casou-se com uma senhora Y tem um caráter dramático que somente pode ser objeto da psicologia (POLITZER, 1969, p. 83). Esta disciplina não está para ser toda inventada, há “uma tradição que lhe é familiar”, a da *praktische Menschenkenntnis*. Os saberes populares, os do homem experimentado, a literatura e o teatro, são dela representantes. Essa tradição dramática não é ainda uma ciência. Nas palavras de Politzer:

O conhecimento prático do homem apresenta todos os defeitos do empirismo “primitivo”; seus procedimentos não estão organizados; ele falta em precisão e é redobrado de prejuízos morais e sociais. Parece, ademais, que desde séculos ele não fez nenhum progresso, isso que faz que se diga que o homem permaneceu o mesmo. Quanto à literatura e ao teatro, eles viveram aproximadamente sobre o mesmo fundo ou contentaram-se em seguir a evolução do homem, tal como ela é determinada pelas condições sociais e econômicas, dando sempre visões, mais do que análises: visões da arte justamente, e não da ciência. (POLITZER, 1969, pp. 84-85)

Como se vê, esse conhecimento é o da psicologia ou deveria sê-lo, fazer passar o conhecimento empírico do homem do estado de empirismo ao estado de ciência positiva. E aqui encontramos o caráter histórico da crise da psicologia, na medida em que se propõe a ser essa ciência, porque ela propõe fazer a passagem em questão, e não a realizou. Quais teriam sido os motivos dessa irrealização? Esse é o tema a respeito da questão do dualismo ontológico a que corresponde e a partir do qual se desenvolve toda a estrutura da teoria do concreto (Cf. toda a seção VII, POLITZER, 1969, pp. 85-87).

Contra o mundo duplo, natureza e segunda natureza, a gênese e a sustentação irônica do dualismo ontológico fundamental, que se torna mais patente quanto mais estranha fica a aproximação da psicologia à física. Vê-se o limite de uma tendência cientificista, naquilo que seria um objeto sempre *sui generis*. É impossível o monismo, na medida em que se descreve a realidade humana em termos de processos em terceira pessoa. O mundo do Eu não é o mundo do Isso. A alma é um isso do Isso, do Outro, do Fundo, mas inexiste, mesmo como um princípio vitalista secularizado, eis uma chave de leitura de Politzer. Até aqui, a psicanálise e seu objeto “anômalo” (o sonho) não entraram nas discussões do artigo. Em rigor, sobre o animismo, tratar-se-á sempre de deformação seja em Wundt seja, depois, em Bergson – desse esquematismo teórico clássico somente Freud fornece a saída (vamos ver mais à frente) – conforme lemos:

Seja lá o que for que se possa pensar da legitimidade da deformação que a psicologia faz submeter o drama, é incontestável que esta deformação implica a utilização da *tradição animista*. E o fato de que Wundt suprimiu a alma tem pouca importância porque ele não suprimiu os fenômenos da alma, e o fenomenismo sai, aqui também, de uma maneira contínua do realismo: os fundamentos da psicologia fenomenista nos conduzem, tanto quanto aqueles da metafísica da alma, à tradição animista das quais relevam ao mesmo tempo a alma e a vida interior. (POLITZER, 1969, pp. 87-88)

Sobrevivem os fenômenos da alma, sem coisa em si; mas, Wundt pegou a tangente crítica da maneira errada: Politzer está afirmando, não existem fenômenos da alma – quase como se o conceito de alma deva ser descartado sem revisão, peremptório. A noção que substitui é aquela de “drama” – pode ser porque envolve uma exibição e uma elaboração do sujeito com os próprios botões, ele se conhece e conhece as regras do social, reage a elas, além de o conceito remeter a algo de irreduzível da experiência humana.

4.2. Crítica das novas psicologias

Politzer, então, refere-se a um terceiro, ou quarto, movimento, o de pesquisas agora independentes da tradição central da psicologia clássica, como foi demarcada até aqui; essas novidades são: a psicanálise, a *Individualpsychologie* e a psicologia industrial. Já na psicanálise, a questão de como interpretar o complexo de Édipo não tem nada a ver com o animismo:

Com efeito, o fato de dizer que tal ou tal ação se explica pelo complexo de Édipo, não implica nela mesma nenhuma hipótese concernente a processos interiores, mas somente que tal ação, à qual nós atribuímos uma significação dramática corrente, tem, de fato, uma significação dramática muito mais “profunda”. Quanto ao “pensamento”, o pensamento do sonho por exemplo, nós lhe atribuímos de início uma significação conforme igualmente nossa maneira habitual de interpretar. Mas nós somos obrigados a constatar que esta interpretação é insuficiente, e que nós precisamos de métodos mais aperfeiçoados que aqueles que são postos à nossa disposição pela experiência convencional. Tudo isso não tem nada a ver com o animismo. (POLITZER, 1969, pp. 88-89)

A “psicologia industrial” tampouco implica a hipótese da vida interior, por exemplo, quando se considera o rendimento do trabalho e dos instrumentos. Enfim, está sendo dito que, no que concerne à história da psicologia, é preciso, ao final do cômputo, ter uma posição de princípio a respeito do animismo, da tese da vida interior, da metafísica da alma. Na psicologia deveria ser como na literatura.

Por outro lado, um Stendhal ou um Dostoievski não são *psicólogos* graças às suas pesquisas concernentes aos fenômenos da alma. Pode-se dizer ao contrário que os maus romances e as más peças de teatro são aqueles precisamente que são diretamente influenciados pelo sistema em questão. De toda maneira, ao ler um romance, ou ao assistir uma representação teatral, eu não ultrapasso o plano das significações humanas. Ora, compreender significações humanas ou fazer hipóteses sobre os processos internos não é a mesma coisa, e explicar uma cena dramática por uma outra cena dramática, ou explicar o todo pelos processos do universo espiritual, representam duas maneiras de proceder totalmente diferentes. (POLITZER, 1969, p. 89)

Existiram, então, duas tradições psicológicas no ocidente, que remontam à antiguidade: a 1) dramática e a 2) animista, que seja bem notado, esse é o afresco antigo tradicional dos discursos sobre o homem. Ele quer salvar a tradição dramática, complementá-la com uma “organização superior do conhecimento do homem”. O bífido então está delineado nas grandes linhas diversas referidas. E Politzer continua:

Assim portanto: em lugar de encontrar na psicologia simplesmente uma organização superior do conhecimento prático do homem nós estamos em presença de duas tradições diferentes: uma, a tradição dramática representada pela *praktische Menschenkenntnis*, a literatura e o teatro, outra a tradição animista. A primeira só se reporta diretamente ao drama, enquanto que é a alma, e não o homem, que está no centro da segunda. (POLITZER, 1969, pp. 89-90)

A equação tradição dramática = *praktische Menschenkenntnis* é a da psicologia concreta, motivo mais evidente não deve haver. Mas, veja-se, há um embaraço: “Essas duas tradições [a dramática e a animista] se cruzaram a um momento dado. Seria interessante saber o porquê” (POLITZER, 1969, p. 90). A tradição dramática não tem necessidade da tradição animista, embora houve por vezes um esforço penoso de romancistas os mais modernos em usar o cientificismo para fundamentar sua visão de mundo. A esse respeito, por exemplo, Balzac tenta fundamentar sua observação das coisas do mundo humano com que havia de ciência das molas do homem, mas o critério representacionista dele vai bem além. Outros haveria que fazem um recurso na filosofia da consciência, mas Politzer não é explícito sobre quem o teria feito². Que se tenha a ideia do que Politzer diz sobre o tal cruzamento infeliz. A tradição animista tem necessidade da tradição dramática. “Para se dar um aspecto positivo, ela [a tradição animista] foi obrigada a transpor em termos animistas os dados do conhecimento prático do homem” (POLITZER, 1969, p. 90). O que significa essa transposição? um interesse pelo eterno, um erro pré-histórico do homem, de tentar sobreviver a si mesmo, uma inconformidade com a finitude expressa em preocupações duplicadoras em mundo espiritual e mundo material, mas essa é, por grave que seja o tema, a duplicação

2 Politzer deve se referir ao contexto editorial de sua época.

justificadora de tantos crimes humanitários, como uma desculpa muito boa que serve ao funcionamento social, no que há de mais hipócrita, a chantagem cristã, a chantagem da sobrevivência da alma – esse juízo é particular deste autor. O que Politzer mesmo diz é, na terminologia em que se engajou, que: “O interesse dramático é de fato inteiramente estranho às preocupações com a imortalidade e a salvação, enquanto que estas estão no centro do interesse animista” (POLITZER, 1969, p. 91). Há algo de trágico nessa assunção, talvez seja esse o lastro com uma tradição trágica do nosso autor. Por que não diríamos assim, se ele assume a finitude humana, ao contrário de outros autores, e a assume não como o problema mais grave do homem? De fato, o desprezo científico pela “psicologia da filosofia” é algo assim de fatal. A definição da “psicologia da filosofia”, esse quase oxímoro, já contém, com efeito, esse teor ácido: a “psicologia da filosofia” é a disciplina que transpõe sistemática e anuancadamente o interesse dramático no sentido de um animismo. A própria descrição terminológica avança nela os absurdos da tradição e o ácido do argumento conclui pela crítica do trabalho nocional. Portanto:

A tradição animista não representa, com efeito, nenhum conhecimento efetivo do *homem*, porque ela não é senão a teoria de uma noção, um grande esquema de interpretação que não mostra como se podem adquirir conhecimentos novos, mas somente como é possível dar uma certa forma àqueles que vêm de outra fonte. (POLITZER, 1969, p. 91)

4.3. Desdobramento falso da psicologia sobre a transposição do dramático no anímico

A psicologia não descobre os fatos, trabalha nocionalmente, e Wundt, ele mesmo, não descobriu tampouco um novo fato psicológico. A técnica do “afresco metafísico” em psicologia não passou por uma fase renascentista, e então moderna:

De fato, a *psicologia* viveu durante séculos sobre o mesmo fundo de conhecimentos positivos. Enquanto que os trabalhos nocionais de transposição se afinam mais e mais, a *Menschenkenntnis* fica sempre no mesmo ponto, porque a questão é somente saber como é preciso transpor. É assim que desde Aristóteles até Wundt a psicologia não descobriu um só fato novo. E quanto a Wundt, qual é portanto o *fato* novo que ele descobriu? Não se vê nele um único fato psicológico que não estivesse de uma maneira ou de outra consignado na linguagem, ou conhecido já pelos filósofos da idade média. (POLITZER, 1969, p. 92)

Bergson, reformador da psicologia, está nos marcos da psicologia filosófica, até o pescoço. O seu dinamismo é uma transposição contínua da metafísica na psicologia. Politzer, de fato, se pergunta:

E aquele que se chama voluntariamente o reformador da psicologia moderna, Bergson, tem aportado um fato psicológico novo digno desse nome? É fácil ver ao contrário que, questões de transposição postas à parte, ele trabalha também sobre o mesmo fundo de conhecimentos que seus predecessores. (POLITZER, 1969, p. 92)

Vamos notar a passagem de tema que é a seguinte (sendo, com as duas citações acima, um parágrafo único contínuo que aproxima os empreendimentos de Wundt e Bergson pelo viés crítico que lhes atribui o simples trabalho nocional), sobre os procedimentos primitivos da *praktische Menschenkenntnis*: sentido do sonho e o conhecimento do homem; aqui há uma configuração mais detalhada do problema da transposição, da conciliação das escolas inclusive. Segundo Politzer:

É esse caráter parasita e antiheurístico da transposição que faz com que Wundt e tantos outros falhassem numa grande passagem da psicologia pré-científica à psicologia científica. Pois é nos quadros e nas fórmulas da transposição que eles quiseram dar uma forma científica sem se inquietar com o fato de que os *conhecimentos efetivos* que estão na base da transposição são ainda pré-científicos, porque recolhidos simplesmente com a ajuda de procedimentos primitivos da *praktische Menschenkenntnis*. Tal é por exemplo o caso de todas as teorias “científicas” do sonho que buscam dar uma interpretação físico-química ao *non sens* do sonho enquanto que um aperfeiçoamento muito simples dos procedimentos convencionais da *Menschenkenntnis* mostra que eles têm um sentido. (POLITZER, 1969, p. 92)

Em que consiste a transposição animista, se o plano humano e o universo da alma não têm nenhuma semelhança? Numa mistura de significações dramáticas com processos espirituais, na transformação do velho dispositivo eclesial, que ainda não havia sido abandonado, em dispositivo para a filosofia e depois para a ciência, com seus “processos”, “fenômenos”, “natureza”, a bem da verdade uma falsa “segunda natureza” (Cf. POLITZER, 1969, pp. 92-93). Politzer define significações dramáticas como quaisquer significações manifestadas no plano humano. Desse modo a transformação de significações dramáticas em processos espirituais é o que ele acusa como o principal dispositivo equívoco da ciência psicológica; é próprio de um psiquismo ser atuado em segmentos dramáticos, em uma sociedade, mas o significado vem do indivíduo e reverbera na técnica interpretativa que esse indivíduo tem do drama. A crítica então é a desse não reconhecimento da técnica humana, que ficara misturada com processos espirituais, em teorias dessuetas, conforme lemos:

Então será preciso transformar os *acontecimentos dramáticos* em *processos espirituais*. Ora, todo segmento dramático comporta, além de sua *mise en scène* material, uma significação que lhe dá seu valor dramático. É a essas significações dramáticas que se dirige a psicologia para transformá-las em processos. A prova é que os psicólogos ao despreverem a natureza da particularidade dos fatos espirituais tiveram em vista as propriedades da significação. (POLITZER, 1969, p. 93)

Notar a relação de dois fatores: a *mise en scène* e o drama. Quanto à primeira, refere-se à posição e a disposição material do entorno e da base da vida social e individual. Já a significação dramática, bem entendido, não tem a realidade de um processo, ou mesmo de uma substância empiricamente determinada, de modo que pudesse ser encontrada em uma localização no mundo, ou em uma localização cerebral (desse tema Bergson não teria tratado melhor que os outros³); ela antes é uma “realidade ideal”. Por

3 “Não compreendendo assim senão uma parte da absurdidade, Bergson acreditou que a negação das localizações libera o realismo psicológico: *ele não viu senão que não é mais absurdo realizar as ideias no cérebro do*

“realidade ideal” não se deve entender o duplicado a que nos referimos anteriormente, mas somente a realidade das significações que é em um plano humano, e não pode ser em outro, com suas cognições, ordens, condenações, aprovações, interpretações, julgamentos infinitos etc.; em todo caso, não é bom avançar essa terminologia, pois o texto contém uma espécie de “negação determinada” do conteúdo da psicologia clássica. A resistência a toda realização são os sinais maiores do “vivido” do plano humano. Veja-se:

Uma significação nela mesma não tem senão uma realidade ideal. Ela não é no tempo e ainda menos no espaço. É justamente a resistência da significação à *démarche* realista que está na base da evidência que nós atribuímos à lista clássica de propriedades dos estados de consciência. E, da mesma maneira, são as propriedades da significação que constituíram o argumento psicológico fundamental na crítica da teoria das localizações cerebrais. Tem-se, contudo, cumprido a *démarche* realista ao se tomarem pelas propriedades de uma nova realidade os signos da resistência à toda realização. (POLITZER, 1969, p. 93)

A má sequência então é a que vai do realismo à abstração, que implica um método geral formalista.

4.4. Psicologismo e fenomenismo

Vejamos os passos básicos que concluem por essa relação. Antes de qualquer coisa, deve ser destacado que há um senso comum que aparece na forma de teoremas da psicologia clássica, que mal disfarça partir do senso comum. Por exemplo, quando se toma o paralelismo entre linguagem e pensamento, que na área da ciência psicológica se expressará como ontologização da significação. Lógica e psicologia estariam associadas nesse caso. A questão, a mais aparentemente do senso comum, porém, implica erros graves, que reverberam nas duas ciências, sendo que numa implica transformar a gramática em psicologia, e por outro lado, na lógica, implica o psicologismo. Segundo Politzer:

Aliás todo um conjunto de teoremas fundamentais da psicologia clássica não tem por objetivo senão assegurar a transformação das significações em processos. Tal é o caso da tese do paralelismo da linguagem e do pensamento: ela permite transformar *a priori* a gramática em psicologia. Mas o é ainda o mesmo do *psicologismo*. O psicologismo não é, com efeito, senão a repercussão sobre a lógica do fato de que os psicólogos constituem a psicologia do pensamento pela transposição *a priori* da lógica em processos espirituais, e buscaram legitimar esse procedimento por um axioma. Os lógicos participantes do psicologismo foram simplesmente as vítimas do artifício dos psicólogos, que não afirmaram que a lógica seria a psicologia do pensamento senão para poder buscar a psicologia do pensamento na lógica. (POLITZER, 1969, pp. 93-94)

Há ainda outra iniciativa que consiste em uma *démarche* do realismo que se associa à tese de uma significação colocada no regime de relações fenomenais, como nas ciências da natureza. Então, qual é a definição crítica que dê nome e predicado

que as realizar em geral. Ele crê então ter obtido uma confirmação experimental do realismo psicológico, embora sua crítica do paralogismo psicofisiológico não lhe aporte uma confirmação senão porque ela é uma *crítica restrita/limitada {retenue}*, e ela é restringida/limitada {retenue} precisamente pelo realismo ele mesmo” (POLITZER, 2013).

comum a essas iniciativas? Em suma: “psicologia abstrata”. É a abstração da psicologia que substitui o drama individual pelas realizações, as histórias de pessoas por histórias de coisas, na qual os processos e as noções de classes passam a ser os atores. Sobre a passagem entre realismo, abstração e formalismo, o argumento principal então é, repitamo-lo:

A abstração, implicada pelo realismo, implica por sua vez o formalismo. Enquanto que a experiência dramática reporta tudo ao plano humano e ao indivíduo de quem a vida se desenrola, o estudo realista e abstrato, não pode estudar senão os “fenômenos psíquicos”. E se estudarão os fenômenos psíquicos como se tem o hábito de estudar os fenômenos em geral: por classes, pois, não é assim?, não há ciência senão do geral. A consideração dramática dos indivíduos sucede a psicologia, ciência das noções de classe. (POLITZER, 1969, p. 95)

Como segue de um prejuízo, em psicologia se trabalha com as classes de sentimentos, ou com uma espécie degradada historicamente da temática dos universais metafísicos, tal como é aplicada ainda na psicologia da virada do século XIX para o XX. E como elas são trabalhadas por essas escolas, qual a principal crítica?

E efetivamente: a psicologia clássica, de Wundt à Bergson inclusivamente, concentra toda sua atenção sobre as grandes classes dos fenômenos psíquicos: percepção, imagens, emoção, etc. Em face de um acontecimento dramático os psicólogos não têm senão preocupações formais: qual é o papel no sonho das imagens? das sensações? dos sentimentos? Tal é o problema tipo da psicologia clássica. Ela elimina a significação particular do fato com o qual ela se ocupa, para não reter senão a forma: é esta *démarche* que nós chamamos de *formalismo*. Nós dizemos que toda psicologia cujo plano de trabalho é fornecido pelas noções de classe tradicionais, e que põe seus problemas com a ajuda dessas noções, é uma *psicologia formal*. (POLITZER, 1969, p. 95)

Há uma generalidade que é definida pelo drama, mas ele mesmo é individual quando é real. O que é classicamente, assim, definido como drama, na literatura clássica é uma multiplicidade dramática, mas unificadamente uma espécie de quiasma histórico universal entre o homem e a natureza que comporta como saber a possibilidade de individuação, mas é do indivíduo que se deve partir em psicologia, pois ela é a ciência *a posteriori*. O que levanta a questão do que é também o drama na literatura clássica, que comentaremos mais a frente. A despeito desse comentário, a seção VIII conclui, retomando os motes da transposição e da abstração, com uma proposição com sentido agudo de síntese que é bem próprio a Politzer, que é consequência da boa colocação de todas as categorias da psicologia, um acerto de contas:

É com a ajuda do realismo, da abstração e do formalismo que tem lugar a transposição do drama em processos espirituais. Eis por que é tão difícil de basear sobre a negação de uma *démarche* como a análise elementar uma psicologia verdadeiramente nova. A análise elementar não está na base mesma da transposição [do interesse dramático em interesse animista]; ela não faz senão trabalhar sobre seus resultados (POLITZER, 1969, p. 95).

Mostrados os desenvolvimentos sobre o animismo e das ideias da psicologia concreta no âmbito dos objetos de que Politzer trata, é preciso, em uma segunda parte de considerações sobre os seus escritos positivos sobre psicologia, apresentar a fórmula

de Politzer da psicologia concreta (e como ela supera a terminologia e a substância temática da psicologia clássica, assim justificando por completo que o abandono do projeto de psicologia do autor não significou o fracasso da tentativa positiva, mas antes que havia um contexto histórico que exigiu o abandono).

Bibliografia

BIANCO, G. (ed.). *La signification du concret. Psychologie et philosophie chez Georges Politzer*. Paris: Hermann, 2016.

POLITZER, G. *A filosofia e os mitos. (Textos Reunidos – 1)*. Trad. Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. *Contre Bergson et quelques autres. Écrits philosophiques, 1924-1939*. Paris: Flammarion, 2013.

_____. *Crítica dos fundamentos da psicologia. A psicologia e a psicanálise*. Trad. Marcos Marcionilo e Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1998.

_____. *Écrits 1. La philosophie et les mythes*. Paris: Éditions Sociales, 1973.

_____. *Écrits 2. Les fondements de la psychologie*. Paris: Éditions Sociales, 1969.

_____. *Le bergsonisme: une mystification philosophique*. Paris: Éditions Sociales, 1946.

_____. *Os fundamentos da psicologia*. Trad. Ana Maria Marques de Almeida. Lisboa: Prelo, 1978.

PRADO JÚNIOR, B. Georges Politzer: sessenta anos da Crítica dos Fundamentos da Psicologia. In: FUGENCIO, L.; SIMANKE, R. (Orgs.). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005.

RIEDEL, D. C. (Org.). *Bento Prado Júnior, Jose Américo Pessanha, Luiz Baêta Neves e outros. Narrativa: ficção e história*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1988.

Recebido em: 20/Jan/2021 - **Aceito em:** 10/Ago/2021.